

BÊNÇÃOS DE NATAL – OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE

Saudações em nome de Deus e de Jesus Cristo! Trago-lhes bênçãos, meus queridos, bênçãos muito especiais esta noite. Nesta época do ano, as potentes forças de amor vindas do Rei do universo tocam todas as esferas. Quem estiver aberto e em um estado de tranquila harmonia poderá receber essa força, que é uma bênção para o seu corpo, a sua alma e o seu espírito. No entanto, é tão difícil, em muitos casos, para essa força penetrar em sua alma. Esse raio dourado deve ricochetear se a emanção de vocês não for harmoniosa. Vocês se fecham para ele quando têm ressentimento, raiva e mágoa, o que na maioria das vezes é tão supérfluo, tão sem propósito! Sabem que a solução não é jogar esses sentimentos para escanteio como se não existissem, mas, em vez disso, trazê-los às claras e pedir a Deus, pedir a Cristo que lhes mostre onde uma raiz em vocês constrói uma parede que se interpõe entre vocês e essas forças abençoadoras. Essas forças estão esperando para regenerá-los com um efeito muito duradouro. Deixem que fluam para dentro de vocês, meus queridos! E se estiverem zangados com seu irmão ou sua irmã, tentem compreender a si mesmos e ao outro. Não sejam mais severos com o outro do que são consigo próprios. Infelizmente, isso acontece com os melhores de vocês. Tentem construir seu amor, sua compreensão e seu perdão, de modo a poderem compartilhar deste maravilhoso alimento espiritual que poderia preencher seu coração e cada partícula de sua alma para limpá-los de todas as impurezas para sempre.

Nós no mundo espiritual estamos especialmente felizes com relação a este grupo, meus amigos. Isso porque a maior parte de vocês fez sérios esforços, e esses esforços trouxeram frutos, embora, em alguns casos, vocês ainda não possam se dar conta totalmente do valor de seu trabalho. Mas alguns de vocês compreendem, ou começam a compreender. Começam a observar em si mesmos maior harmonia em momentos em que, há apenas pouco tempo, sentiam-se raivosos e ressentidos. Agora esses sentimentos ocorrem para muitos de vocês em um grau menor, e também com menos frequência. Esse progresso acontece apenas muito indiretamente. Vocês não poderiam conseguir isso forçando-se a não sentir desarmonia, senão indo até as raízes de seus conflitos, dentro de si mesmos. E essa é a maneira como atingem esse desapego saudável. E ele irá crescer até o momento em que vocês puderem ser tocados somente pelo amor e pela compreensão fraterna – quando não estiverem cegos às imperfeições, mas estas últimas não os afetarem mais de maneira negativa.

Minha mensagem para vocês esta noite é dizer a cada um de vocês que trabalhou nessa direção: continue, absolutamente! Siga nessa direção, mesmo que o começo seja difícil. As forças do bem, os fortes raios dourados de Cristo o preencherão cada vez mais, não apenas em momentos específicos, em que essas forças estiverem mais fortes em todo o universo, mas a todo momento.

Até que tenha atingido a meta, tente penetrar em sua própria desarmonia, de modo a conseguir absorver aquilo que espera para abençoá-lo. Se tentar com sinceridade, você receberá uma grande ajuda!

Muitos de seus entes queridos no mundo espiritual conseguiram chegar até aqui esta noite. A maioria de seus entes queridos no além, com poucas exceções, foi conduzida até aqui. Eles ouvem e eles veem. Vocês também podem ouvir, meus queridos, mas não podem ver o que esses espíritos estão autorizados a ver nesta oportunidade. Durante uma palestra como esta, uma parte de uma esfera está se fortalecendo pelas forças que trabalham para estabelecer tal comunicação. Assim, esses espíritos veem uma luz dourada e beleza, uma harmonia de tamanho esplendor como nunca viram antes. Isso representa o “Presente de Natal” que é dado a eles pelo mundo de Deus. A maneira como os espíritos veem e o significado de sua visão é diferente da visão humana. Quando vocês veem uma linda paisagem, ou outra bela visão, ela pode ser maravilhosa de se contemplar, mas não tem nada a ver com vocês, com o seu próprio estado de espírito, com sua paz e harmonia interior. Mas quando eles veem beleza, se dão conta de que isso é um mundo, um estado de ser, que pode ser deles se viverem de acordo com estes ensinamentos. Tentem visualizar e imaginar que esse mundo está aqui, ao redor de vocês e em vocês. No mundo espiritual, vocês veem o que ouvem, e ouvem o que veem.

Meus queridos amigos, Jesus Cristo morreu na cruz com o pleno conhecimento do destino que escolheu livremente. Sua vida e morte ocorreram de acordo com Sua vontade e seu desejo. Não foi uma sina que se acometeu d'Ele, como acontece com outros seres humanos, em que se trata de uma questão de carma, de causa e efeito, mas foi um feito livremente escolhido. Ele escolheu essa vida e morte porque percebeu que era uma necessidade. Esse foi o maior ato de amor. Todos vocês conhecem a história da Salvação. Eu a expliquei detalhadamente. Meus queridos amigos, vocês já pensaram sobre esse feito, que é o maior ato de coragem jamais cometido? Já é um ato de coragem se um ser humano se submete a um destino que seja inevitável com o espírito da busca positiva e construtiva de si próprio, com uma atitude de humilde aceitação. Mas quão muito mais corajoso é escolher um destino como esse por amor nem precisa ser explicado. Isso deve fazê-los pensar que o verdadeiro amor, a verdadeira bondade, a verdadeira abnegação é impensável sem que haja coragem. Meditem sobre o significado da coragem, meus queridos. Se lhes falta coragem, isso acontece porque vocês amam a si mesmos em demasia e de maneira doentia. Isso porque existe o tipo correto e apropriado de amor por si mesmo. A covardia pode existir somente por causa desse mimar-se a si mesmo, dessa autopiedade, dessa preocupação consigo próprio. A coragem atribui a uma causa, a uma questão ou a outra pessoa tanta importância quanto ao próprio eu. Portanto, coragem e amor são, em última análise, inseparáveis. Pensem sobre isso, meus queridos. Vocês não apenas irão compreender melhor a vida e a morte de Cristo, mas também serão capazes de entender e avaliar melhor a si mesmos e, assim, serão mais bem-sucedidos no processo de purificação. Pelo trabalho que fizeram até agora, não deve ser difícil para vocês ver em que ponto são corajosos e onde lhes falta coragem. E nos pontos em que lhes faltar coragem, vocês sempre descobrirão que também deve lhes faltar amor.

E agora eu gostaria de discutir o tópico da objetividade, que toquei ocasionalmente no passado, mas sobre o qual pretendo falar mais desta vez. A objetividade é outro requisito essencial ao ser humano livre e harmonioso. Quanto mais impuros e desarmoniosos vocês forem, mais lhes faltará objetividade. Objetividade significa verdade; subjetividade significa uma verdade deturpada ou, na

melhor das hipóteses, uma meia-verdade, chegando a ser uma completa inverdade em muitos casos. Ao contrário de uma mentira consciente, a subjetividade significa uma inverdade inconsciente ou não premeditada. Tudo isso emana do nível emocional do ser de uma pessoa. Ao purificar as profundidades de sua alma, vocês encontrarão primeiro os pontos em que a inverdade existe dentro de si mesmos. Então, serão capazes de plantar a verdade em seu íntimo, depois que a inverdade tiver sido expulsa. Nem é preciso dizer que somente este caminho de rigorosa autoinvestigação tornará possíveis tal descoberta e a consequente mudança. Este é meramente um ângulo adicional pelo qual examinar este processo como um todo e a si mesmos em especial, o que não poderá senão ajudá-los a avançar mais um passo.

Tomemos primeiro o fenômeno comum em que o que vocês veem como uma grave falha nos outros, com frequência não veem em si mesmos. Não faz diferença se os defeitos são exatamente os mesmos, da mesma forma e com a mesma intensidade, ou se têm uma forma ligeiramente diferente e modificada. Aquilo que vocês observam nos outros e aquilo a que tão vigorosamente se opõem pode até estar correto em si mesmo. Porém, trata-se de uma meia-verdade, porque vocês julgam e não veem onde em si mesmos se desviam daquilo que é certo e bom de uma maneira bastante semelhante. Além do mais, o defeito do outro pode coexistir com qualidades que vocês mesmos não possuem. Assim, o seu julgamento é deturpado, já que sua objeção se concentra no único ponto sensível em que vocês focalizam, enquanto deixam fora do campo de visão muitas outras facetas que seriam necessárias para completar uma imagem global abrangente. Assim, sempre que julgarem os outros em sua mente, sempre que se ressentirem dos defeitos deles, por favor, meus queridos amigos, pensem bem: “Será que eu, ainda que talvez de uma maneira diferente, não tenho um defeito semelhante? E será que a pessoa que eu julgo tão duramente não tem qualidades que me faltam?” E então, pensem nas qualidades que o outro tem e que vocês não possuem. Pensem também se vocês não têm defeitos diferentes dos da pessoa que julgam e da qual se ressentem. Tudo isso vai ajudá-los a examinar sua raiva das falhas das outras pessoas mais objetivamente. E, se por acaso, o resultado de tais ponderações for de fato que os seus defeitos são muito menores e que as suas qualidades são superiores às do outro, há ainda mais motivos para cultivarem sua tolerância e compreensão. Porque, nesse caso, vocês estariam de fato em um estado de desenvolvimento mais elevado, o que lhes traria, acima de tudo, a obrigação de serem compreensivos e complacentes. Se lhes faltar essa capacidade, todas as suas qualidades superiores, todos os seus defeitos de menor intensidade nada significam! Mas se fizerem sérios esforços nessa direção, Deus os ajudará a serem mais objetivos. Assim, certamente terão mais paz, e aquilo que os incomoda tanto deixará de aborrecê-los. E, por falar nisso, sempre que ficarem aborrecidos com relação aos defeitos de outra pessoa, deve haver alguma coisa em vocês que também não está certa. Vocês sabem disso, amigos, mas se esquecem disso vezes sem conta quando surgem oportunidades como essas. E novamente, se verdadeiramente desejarem descobrir de que se trata em seu caso, Deus os ajudará! E aqui, não devem se preocupar com o fato de que a outra pessoa possa estar tão obviamente errada, tão mais errada do que vocês. Tentem achar o pequeno grão em vocês mesmos em vez de concentrarem-se na montanha do outro. Porque é a sua própria semente insalubre que lhes rouba a paz, e jamais a montanha de erros da outra pessoa!

Existe o outro extremo da subjetividade, que provém da mesma raiz, embora se manifeste de um modo muito diferente. Muitos seres humanos são muito severos com aqueles que os fazem sentir-se não amados e criticados, ou pelo menos inseguros. Nesse caso, sua defesa é sua própria severidade para com eles. Se vocês estiverem confiantes de seu valor, não se sentirão inseguros e, portan-

to, desenvolverão uma tolerância natural. Porém, a maioria de vocês ainda é tão insegura que recorre a tais medidas defensivas imperfeitas. Esse comportamento se enquadra na mesma categoria da idealização cega da pessoa de cujo amor vocês se sentem seguros. Em tais casos, vocês não veem as mesmas tendências às quais se opõem mais vigorosamente nas outras pessoas. Isso também é perigoso, meus queridos. É ainda mais perigoso porque essa tendência se presta extremamente bem ao autoengano com relação ao amor e à tolerância. Quando fecham seus olhos para os defeitos daqueles a quem amam porque eles os amam, tentam convencer-se de que são tolerantes e bons. Não, meus amigos, isso não é verdadeiro. O amor verdadeiro pode ver a realidade. E se vocês estiverem prontos para amar no sentido mais vital e maduro, não tentarão fechar seus olhos para os defeitos da pessoa amada – muito pelo contrário. Se fizerem isso com persistência, haverá dois motivos para isso. Um deles é o orgulho. Porque a pessoa que vocês escolheram como a sua amada e a que os escolheu como amados não pode ter defeitos que vocês não considerem aceitáveis. Oh, vocês podem admitir algumas falhas no outro, como admitem algumas falhas em si mesmos, sabendo que não existe nenhum ser humano que não tenha seus pontos fracos. Mas continuam a ignorar muitas tendências, pensando semiconscientemente que essa atitude prova seu amor e sua tolerância, mas isso acontece, na verdade, por causa do orgulho. O segundo motivo é que, lá no fundo do seu coração, vocês são tão inseguros com relação à sua própria capacidade de amar, que precisam de uma versão idealizada da pessoa amada. Mas não se trata de amor verdadeiro quando precisam ver uma representação idealizada. Não, trata-se de uma fraqueza e, com frequência, de uma sujeição. O amor verdadeiro é liberdade, queridos amigos. Ele pode suportar a prova da verdade tal como ela prevalece na outra pessoa neste ponto do desenvolvimento dela. Quando atingirem esse estágio, vocês serão capazes de ver a pessoa que é cara ao seu coração como ela é de fato, e não da maneira como desejam vê-la. Enquanto fecharem os olhos à verdadeira imagem do outro, ainda não serão capazes de amar. De fato, vocês estão tão conscientes dessa incapacidade, em uma camada bastante superficial de seu subconsciente, que continuam diligentemente a fechar os olhos, com medo de que, se virem a verdade, não poderão continuar a amar. Esse orgulho e a sua atual incapacidade de amar verdadeiramente fazem com que vocês vão de um extremo a outro. Ou vocês se recusam a ver as pessoas que lhes são próximas e muito caras como verdadeiramente são, ou julgam os outros muito duramente, ainda que a crítica em si possa ser justificada. O fato isolado ao qual vocês se opõem pode ser válido, mas não a sua avaliação da pessoa como um todo, não muitas outras facetas que desempenham um papel e que vocês não têm como conhecer.

No caso de uma pessoa que persiste na cegueira com relação a seus entes queridos, é com frequência inevitável que aconteça uma crise, uma sacudida e um doloroso despertar que irão feri-la profundamente. Na verdade, não é a outra pessoa que a terá desapontado e magoado, mas a sua própria cegueira deliberada do passado. Em uma crise como essa, é disso que, no fundo de sua alma, vocês mais se ressentem. Evitem uma crise assim, meus queridos. Poderão fazê-lo se aprenderem a ver e a amar as outras pessoas como realmente são. Eu gostaria de dar o seguinte conselho para os meus amigos. Pensem nas pessoas a quem vocês mais amam neste mundo e, então, façam uma lista de suas qualidades e de seus defeitos, como fizeram com relação a si mesmos. Em seguida, perguntem a outros amigos, amigos comuns: “Por favor me diga, o que você realmente acha? Eu estou certo? Eu ficaria muito grato se você me dissesse qual é sua opinião sobre as qualidades e os defeitos dele ou dela e se você vê essa outra pessoa como eu a vejo. Não ficarei ofendido, não tomarei como uma crítica maldosa. Pergunto isso com o propósito do meu desenvolvimento.” Se puderem fazer isso juntos, se ambos estiverem no caminho, ainda melhor. Então comparem os defeitos que vocês veem e aqueles vistos pelos outros, que talvez estejam mais distanciados e sejam mais objetivos do que vocês. E então observem suas próprias reações ao ouvirem sobre defeitos que não poderiam ou

não iriam querer conceber nessa outra pessoa. Quando ficam zangados e magoados por dentro, isso deve ser um sinal de que não são objetivos, de que temem a verdade – e, mais provavelmente, por causa dos dois motivos previamente mencionados: orgulho e a sua própria incapacidade de amar a outra pessoa como ele ou ela realmente é. Se não fosse assim, vocês permaneceriam calmos, mesmo que a pessoa que amam fosse acusada de uma falha que ela não possui.

Isso pode ser muito saudável para alguns de meus amigos. Dessa forma, vocês vão aprender a avaliar as pessoas que amam, o que fará com que seu amor amadureça e cresça em estatura. Assim, vão superar o estado imaturo, em que amam como uma criança assustada que não pode ver a verdade. Na última palestra, falei sobre a mentalidade infantil que continua a existir em suas imagens. A criança conhece apenas o bom ou o mal, a perfeição ou a imperfeição, a onipotência quando pode se sentir segura ou a fraqueza absoluta da qual precisa esquivar-se. A criança pode amar somente a primeira dessas alternativas. Quando descobre que um dos até então adorados pais tem defeitos e não é onipotente, ou ela se afasta dele e começa a odiá-lo e a ficar ressentida com ele, sente-se decepcionada, desiludida; ou então esconde sua descoberta em seu próprio subconsciente, sentindo-se culpada por ter descoberto algo “depreciativo” em seu pai ou em sua mãe. Essas reações continuam vivas na alma do ser humano e tornam tendenciosas suas reações e padrões de comportamento por toda sua vida, até que tenham sido examinadas e reavaliadas à luz de um julgamento maduro e da realidade. Quando vocês abordarem seus relacionamentos atuais a partir desse ponto de vista, o processo será doloroso a princípio. Mas não terá nem metade da dificuldade que seu subconsciente resistente os fará acreditar que tenha. Não prestem atenção a ele. prossigam em sua busca pela verdade. Posso lhes prometer que vocês evoluirão para tornarem-se pessoas muito mais felizes, livres e seguras. Essa é a única cura, meus queridos, para muitos, muitos de vocês. E, eu lhes suplico, não digam que enxergam os defeitos das pessoas que amam. Sim, vocês podem ver alguns de seus defeitos, mas talvez somente aqueles que podem tolerar. Talvez não se permitam enxergar outros. Assim, não têm um conceito de toda a personalidade da pessoa que amam; veem uma imagem distorcida, tão distorcida quanto são muitos de vocês, que são demasiadamente severos e intolerantes com os outros. A imagem está fora de foco em ambos os casos. Ambos são espelhos que não refletem a realidade, sendo que cada espelho distorce de uma maneira diferente. Vocês têm tanto medo de aproximarem-se da visão da realidade porque a emoção infantil ainda vive dentro de vocês, que ver uma verdade desagradável na pessoa amada os força a retirar o seu amor. Mas essa não é absolutamente a verdade! Se abordarem essa busca específica com o conhecimento de que o seu amor, em vez de enfraquecer, deverá crescer e amadurecer, poderão neutralizar sua resistência a descobrir a realidade.

Cada um de vocês precisa saber qual dos dois extremos da subjetividade mencionados é mais importante abordar primeiro. Ambas as alternativas se aplicarão a todos vocês, mas uma delas sempre ocupa o primeiro plano e, portanto, é preciso trabalhar e concentrar-se nela para começar. Muitos de meus amigos vivenciaram recentemente incidentes que demandam exatamente tal abordagem.

A objetividade também exige coragem, meus amigos. Muitos dos meus queridos amigos ainda são fracos demais e covardes demais para enxergar a verdade nos outros, bem como em si mesmos. Isso é igualmente doentio. O amor maduro significa amar a outra pessoa apesar de suas falhas, conhecê-las, enxergá-las, não fechar os olhos para elas – e então construir sobre as bases do bem que existe na pessoa. O amor imaturo significa um completo “ou isto/ou aquilo”, cuja intensidade vocês atenuaram de alguma forma no transcorrer de seu processo de maturidade intelectual admitin-

do certos defeitos que não violassem os seus próprios padrões e conceitos. É igualmente imaturo julgar tão duramente, como se todos os seres humanos estivessem no mesmo nível de desenvolvimento. Mas pode nem ser o caso de que a outra pessoa seja menos desenvolvida do que vocês. Ela pode simplesmente ser desenvolvida em outro aspecto. Portanto vocês não podem comparar nem julgar, devendo simplesmente enxergar! Se não podem enxergar sem sentir raiva, precisam se dar conta de que essa reação provém da mesma origem do outro extremo discutido aqui, ou seja, do fato de que vocês não podem aceitar a imperfeição e, portanto, emocionalmente ainda são uma criança.

Portanto, sigam as pegadas de Cristo também a esse respeito. Crucifiquem as ilusões que constroem em nome de seu ego, de sua vaidade, de seu orgulho e de sua incapacidade ainda existente de amar. A partir dessa verdade vocês podem construir o verdadeiro amor.

E agora, meus queridos, passemos para as suas perguntas.

PERGUNTA: A pergunta foi feita por alguém que está ausente. Se a prece silenciosa, sem a articulação das palavras, é suficiente ou se a formulação e verbalização das palavras em voz alta na prece tem maior efeito.

RESPOSTA: Se as palavras forem pensadas de maneira concisa, a prece silenciosa será, logicamente, igualmente eficaz. Não há dúvida quanto a isso. Isso porque o pensamento é uma forma, tanto quanto a palavra falada. Na verdade, se uma palavra falada for dita levianamente, sem o impacto da emoção e da intenção, terá muito menos poder e efeito e será, portanto, uma forma muito mais fraca do que a palavra que é pensada e profundamente sentida. No entanto, se no encontro de um grupo, por exemplo, uma pessoa acha difícil rezar na frente dos outros, há aí alguma coisa a se investigar. Pois isso indica um bloqueio. O que esse bloqueio significa? Com frequência, significa orgulho. Sim, meus amigos, para alguns de vocês isso pode parecer estranho, porque vocês podem ter justificado de maneira tão bela que a sua incapacidade de orar na frente dos outros é modéstia. Ainda assim, quando analisarem seus sentimentos quanto a por que é tão constrangedor para alguns de vocês fazer uma prece em frente aos seus amigos, descobrirão que seu constrangimento advém de um sentimento de humilhação. Ou seja, quando oram para Deus, é bastante natural que se sintam humildes. E parecer tão humilde diante dos outros os faz se sentirem como se estivessem sendo humilhados. Ser humilde é o oposto daquilo que uma parte de suas emoções quer evitar; vocês querem parecer certos, seguros, no topo do mundo diante das outras pessoas. Não querem mostrar-se aos outros como realmente são, como devem apresentar-se a Deus: andando às cegas, inseguros, incertos. Em outras palavras, mostrar sua verdadeira face, da maneira como a mostram a Deus, lhes dá a impressão de estarem se humilhando, e isso é orgulho. Porque a pessoa verdadeiramente humilde não teme mostrar-se como realmente é. Tem a coragem de ser ela mesma. Portanto, neste pequeno sintoma de ter dificuldade para rezar em frente aos outros reside um fator muito significativo do estado emocional, que requer investigação de sua parte. Assim, se vocês não conseguirem orar de coração diante de outras pessoas, é exatamente isso que devem superar, talvez não necessariamente forçando-se a fazê-lo, embora isso possa ser uma ajuda adicional – é sempre bom atingir a meta partindo de dois lados, o lado de fora e o lado de dentro – mas investigando suas reações psicológicas e avaliando-as à luz de sua própria verdade atual.

PERGUNTA: Isso também não poderia ser timidez?

RESPOSTA: Oh, vocês podem racionalizar a questão e encobri-la com muitas explicações. Seja como for, o que é a timidez? O que é um complexo de inferioridade, já que estamos falando nisso? Não é outra coisa senão uma forma de orgulho. Porque aquele que tem tanto medo de como ele irá parecer aos olhos dos outros, aquele que está tão preocupado com a impressão que causa, é orgulhoso. Ou, se preferirem chamá-lo de vaidoso, dá no mesmo. Assim, a timidez é uma manifestação de um complexo de inferioridade. A impetuosidade é outra. Trata-se de uma questão de temperamento e caráter do indivíduo. E todos os complexos de inferioridade têm um denominador comum: orgulho – e teimosia. É obstinação porque vocês querem tanto a gratificação de seu orgulho, que agem com mais segurança do que sentem e, assim, são desleais consigo mesmos, ou a força de sua teimosia os paralisa, o que os torna tímidos. E onde existem orgulho e obstinação, o medo também deve existir. Se vocês fossem totalmente despreocupados com o que as outras pessoas pensam e se sentissem seguros com relação a si mesmos, sendo fieis a si mesmos da maneira como são agora, se tivessem a coragem de ser o que são, nenhum medo poderia existir. Inconscientemente, vocês temem que os outros vejam que vocês não são o que suas ações visíveis alegam que sejam. Temem que seu orgulho e obstinação não sejam gratificados. Se não fosse esse o caso, não existiria nenhum complexo de inferioridade e, portanto, vocês não seriam tímidos. Um complexo de inferioridade não é determinado pelo merecimento e pelo valor real da pessoa, senão existe somente porque ela quer ser mais do que é. Assim, se meus amigos examinarem seus sentimentos de inferioridade a partir desse ponto de vista, avançarão muito mais no caminho da liberação de seus medos e ansiedades.

PERGUNTA: Os animais que são mortos com a finalidade de servirem de alimento vão para a mesma esfera que um animal de estimação que tenha morrido?

RESPOSTA: Não faz nenhuma diferença o motivo pelo qual o animal morre. O mesmo se passa com um ser humano. A esfera de um ser humano que adentra o mundo espiritual não é determinada pelo tipo de morte pela qual a alma passou. A esfera é determinada pelo desenvolvimento e pela realização em cada existência.

PERGUNTA: Você poderia nos contar como é para um animal acordar após ter morrido? Como eles acordam? Eu não compreendo essa coisa de alma grupal que você mencionou. Como é isso de almas grupais?

RESPOSTA: A alma grupal deve ser entendida no sentido de que um animal representa uma partícula de uma alma completa, da mesma maneira como um ser humano é uma metade de um espírito completo. A outra metade pode estar encarnada ou não estar encarnada. É a isso que se chama um “duplo”. Agora, com os animais, a divisão vai mais além. Um ser completo consiste em muitas partículas que são encarnadas em diferentes formas de existência. Quanto mais baixo o desenvolvimento, maior a divisão. Quanto mais o desenvolvimento avança, mais essas partículas separadas se unem e formam um todo. O processo de despertar de um animal ocorre, novamente, de uma maneira muito semelhante à dos seres humanos. De acordo com a gravidade de uma doença ou de um acidente súbito em que ocorre um choque, pode haver um período mais longo ou mais curto de descanso – de falta de consciência, no caso do animal. Em outros casos, no momento em que o animal escapa de seu corpo físico, já está acordado, livre, é feliz, sente-se leve. E pode viver por algum tempo em uma esfera especial para animais antes de reencarnar; pode visitar seus antigos donos. De qualquer forma, via de regra ele é muito mais feliz no além do que na Terra. Também não

podemos generalizar no caso dos animais. Cada caso pode ser um pouco diferente. Mas todos os animais são cuidados. Existem espíritos cuja tarefa é ajudar os animais.

PERGUNTA: Em conexão com o que acabou de dizer sobre o complexo de inferioridade, em outra ocasião você deu uma explicação diferente. Eu tive curiosidade quanto a qual era a conexão – tenho certeza de que deve existir uma – e esta era que um complexo de inferioridade é, na verdade, um complexo de culpa, que é uma reação errônea às falhas.

RESPOSTA: Você está totalmente certo. A conexão é essa. Não é natural que quando você é orgulhoso – o que é, afinal de contas, uma falha – se sinta culpado? A personalidade dirá no subconsciente: “Sou orgulhoso, sei que não é bom ser orgulhoso, não quero sentir esse orgulho e, portanto, eu o escondo de mim mesmo.” Sua preocupação com a opinião das outras pessoas o faz trair sua própria personalidade. Você não é fiel a si mesmo, o que talvez seja um dos maiores pecados, do qual muitos outros pecados decorrem. E isso o faz sentir-se culpado. Essa é a conexão. Ficou claro?

PERGUNTA: Eu gostaria de perguntar qual é a conexão e a diferença entre temer a desaprovação e desejar a aprovação, em oposição a temer a opinião pública.

RESPOSTA: Não há necessariamente uma diferença aqui, mas pode haver. Se uma pessoa está tão preocupada com a opinião pública, certamente é porque deseja a aprovação da opinião pública. A pessoa se sente segura dessa maneira, por não poder ser criticada. Ela não quer estar separada nesse sentido. Uma criança, por exemplo, sofre sempre que se sente diferente das outras crianças. Para a criança, ser diferente significa ser inferior. No caso de uma pessoa adulta, essa tendência às vezes permanece e se manifesta em um excesso de adesão aos padrões das massas, à opinião da maioria, seja ela certa ou errada. A opinião pública pode estar correta em muitas ocasiões, mas se uma pessoa a acata sem examinar primeiro sua própria opinião, isso se torna uma submissão. A pessoa livre, que não se preocupa com a opinião dos outros, que se sente segura em relação a si mesma, prestando contas à sua própria consciência e a seu Deus, examinará cada questão separadamente e, então, escolherá livremente sua conduta. Assim, ela poderá acatar a opinião pública em algumas ocasiões, mas essa adesão será totalmente diferente da adesão da pessoa que se sujeita a ela. Em outras ocasiões, renunciará à opinião pública porque, dessa forma, não seria fiel a si mesma. Ela estaria disposta a pagar esse preço. Essa é a atitude saudável. Ficou claro?

PERGUNTA: Sim, metade da pergunta está clara, mas de que maneira isso difere de desejar a aprovação?

RESPOSTA: Não há diferença. Eu diria que se trata de uma parte, uma faceta da questão. Em alguns tipos de personalidade, o forte desejo de ser aprovado pelos outros se manifestará em uma dependência da opinião pública. Em outros tipos, a aprovação dos outros é obtida pelo comportamento exatamente oposto. Uma pessoa dessas pode agir sempre em desacordo com a opinião pública pelo mesmo motivo de alguém que esteja sujeito a ela. Cada uma das maneiras pode ser doentia e cada uma das maneiras pode ser madura e harmoniosa. A diferença é que, no caso da pessoa madura e harmoniosa, não existe um padrão. Em uma ocasião ela age de acordo com a opinião pública, em outra ocasião, em desacordo com ela. Mas pode-se suspeitar com segurança de que aquele que age preponderantemente a favor ou contra a opinião pública tenha motivações doentias. O motivo pelo qual uma pessoa escolhe um modo de manifestar sua insegurança e dependência da aprovação e outra pessoa opta pela maneira oposta depende de muitos fatores. Trata-se de uma questão de desenvolvimento, meio ambiente, influência e, acima de tudo, é claro, de traços de personalidade

e caráter individual. Com frequência, duas pessoas não reagirão da mesma maneira à mesma ocorrência sob as mesmas condições.

Meus queridos, queridos amigos, anjos de Deus estão aqui esta noite para abençoá-los. Esta bênção se estende a todos os amigos que estão ausentes, a todos os que seguem estes ensinamentos. Continuem neste caminho, meus queridos. Tanto foi realizado em um período tão curto, devido aos seus esforços muito reais. Não deem nenhuma trégua. Definitivamente, continuem e vocês vão ganhar a força de amor e compreensão que pode ser sua apenas quando penetram nas profundezas de seu ser para encararem-se na verdade. Em consideração a Deus, em consideração a Jesus Cristo, que cometeu o maior ato de amor e coragem para cada um de vocês pessoalmente, confiem que o sucesso não pode senão acontecer se vocês superarem as dificuldades iniciais. Sem dúvida, esse é o único esforço de sua parte que pode ser verdadeiramente bem-sucedido, e de maneira duradoura! Recebam estas forças especiais, todos vocês. Deixem que os raios dourados penetrem seu coração, sua alma, seu espírito para sustentá-los. A luz de Cristo está brilhando sobre vocês. Estejam em paz, estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.